

Até onde iria para salvar a sua família?

VIDAS ROUBADAS

«Um thriller psicológico soberbo... formidável.»
Publishers Weekly

MARY
KUBICA

Autora bestseller de *Não Digas Nada*

TOP
SEL
LER

Para todos aqueles que perdi

HEIDI

A primeira vez que a vejo é na plataforma da estação de comboios de Fullerton, com um bebé aconchegado nos braços. Ela abraça-se a si própria e à criança no momento em que o expresso da linha roxa passa a toda a velocidade e desaparece em direção a Linden. É o dia 8 de abril, a temperatura ronda os 9 °C e chove. A chuva precipita-se do céu em bátegas desordenadas, aqui, ali e por todo o lado, com o vento amotinado e tempestuoso. Um dia mau para o cabelo.

A rapariga veste umas calças de ganga com um rasgão no joelho e um casaco leve de nylon, em verde-tropa. Abriga o queixo no interior do casaco e mantém o olhar fixo à sua frente enquanto a chuva a deixa ensopada. Aqueles que a rodeiam encolhem-se debaixo dos seus chapéus de chuva e ninguém se oferece para partilhá-los. O bebé está sossegado, encafuado dentro do casaco da mãe como uma cria no interior de uma bolsa marsupial. Tufos de felpa rosada e viscosa emergem do casaco e eu persuado-me de que o bebé, profundamente adormecido no meio do que me parece um completo caos — gelado até aos ossos, com o som atroador do «L», o comboio metropolitano de Chicago, a passar disparado —, é uma menina.

Há uma mala de viagem aos seus pés, em cabedal antigo, castanho e desgastado, ao lado de umas botas de atacadores completamente encharcadas.

Ela não deve ter mais de 16 anos. É magra. Mal nutrida, digo para mim própria, mas pode ter apenas uma estrutura franzina. A roupa pendelhe do corpo. As calças são largas, o casaco é demasiado grande.

Os altifalantes anunciam a chegada de um comboio e a composição da linha castanha chega à estação. A amálgama matinal da hora de ponta a caminho dos empregos acotovela-se para se instalar no comboio, mais quente e seco, mas a rapariga permanece imóvel. Hesito por um momento — sentindo a necessidade de fazer alguma coisa — mas, depois, entro para o comboio à semelhança dos outros alienados e esguevo-me para um lugar, espregando pela janela enquanto as portas se fecham e nós deslizamos dali, deixando a rapariga e a sua bebé à chuva.

Contudo, ela permanece comigo durante todo o dia.

Sigo de comboio até ao Loop, para a estação da Adams/Wabash, e comprimo-me para sair, descendo as escadas para a rua que fica por baixo, penetrando no cheiro acre das sargetas que paira nas esquinas das ruas da cidade, onde os pombos ziguezagueiam em círculos tranquilos à volta dos caixotes de lixo, e os sem-abrigo, a par dos milhões de cidadãos, correm do ponto A para o ponto B, à chuva.

Passo grande parte do tempo — entre reuniões dedicadas à alfabetização de adultos, preparação para o exame de equivalência ao ensino médio e aulas de apoio a inglês a um estudante de Mumbai — a imaginar a rapariga e a criança a passarem grande parte do dia na estação do metropolitano, vendo o «L» a chegar e a partir. Vou conjecturando histórias na minha cabeça. A bebé sofre de cólicas e só consegue dormir num ambiente em constante mutação. A vibração dos comboios a aproximar-se é vital para manter a bebé adormecida. O chapéu de chuva da rapariga — imagino-o em vermelho-vivo, com margaridas douradas garridas — foi atingido por uma grande rajada de vento e virado ao contrário, conforme acontece em dias como este. Partiu-se. O chapéu de chuva, a bebé, a mala: mais do que os seus braços conseguiriam suportar. É claro que ela não podia deixar ficar a bebé. E a mala? O que estaria no interior da mala para ser mais importante do que um chapéu de chuva num dia como hoje? Talvez ela fique ali o dia inteiro, à espera. Talvez ela aguarde uma chegada e não uma partida. Ou talvez tenha entrado no comboio da linha vermelha, depois do da linha castanha desaparecer no horizonte.

Nessa noite, quando regresso a casa, ela já não está lá. Não falo sobre isto ao Chris, porque adivinho qual vai ser a sua resposta: o que é que isso interessa?

Ajudo a Zoe a fazer o trabalho de matemática na mesa da cozinha. A Zoe diz que odeia matemática. Isso não constitui uma surpresa para mim. A Zoe está numa fase em que odeia quase tudo. Ela tem 12 anos. Não tenho bem a certeza, mas recordo-me de o meu «odeio tudo» ter

aparecido muito mais tarde: entre os 16 e os 17 anos. No entanto, tudo chega mais cedo nos dias de hoje. Fui para o jardim de infância para brincar e aprender o abecedário; a Zoe foi para o jardim de infância para aprender a ler e a ser tecnologicamente mais avançada do que eu. Os rapazes e as raparigas chegam à puberdade em idades mais precoces que os da minha geração; em alguns casos, até dois anos mais cedo. Os miúdos de 10 anos têm telemóveis; as meninas de 7 e 8 anos de idade têm maminhas.

O Chris janta e desaparece para o escritório logo a seguir, conforme é seu costume, para se debruçar sobre folhas de cálculo enfadonhas e indutoras de coma, até depois de a Zoe e eu já estarmos deitadas.

No dia seguinte, ela aparece outra vez. A rapariga. E, mais uma vez, está a chover. Ainda estamos na segunda semana de abril e os meteorologistas já preveem um recorde de pluviosidade para este mês. O abril mais chuvoso até à data, dizem eles. No dia anterior, o aeroporto de O'Hare registou 15,24 milímetros de chuva num só dia. A água infiltrou-se nas caves, acumulando-se nos sulcos das ruas da cidade em níveis mais baixos. No aeroporto, os voos foram cancelados ou adiados. Lembro a mim própria, *Em abril, águas mil*, equipando-me com uma parca creme impermeável e enfiando os pés numas botas de borracha para o caminho até ao trabalho.

Ela veste as mesmas calças de ganga rasgadas, o mesmo casaco verde-tropa, as mesmas botas de atacadores. A mala *vintage* repousa aos seus pés. Ela tiritica com o frio penetrante e a bebé contorce-se, a rabujar. A rapariga fá-la saltitar, para cima e para baixo, para cima e para baixo, e eu leio-lhe nos lábios: «Chiu». Escuto as mulheres ao meu lado a sorverem o seu café fumegante debaixo de enormes chapéus de chuva de golfe:

— Ela não devia andar com aquela criança na rua, num dia como o de hoje — observam elas, desdenhosas. — Aquela rapariga estará boa da cabeça? Onde está o gorro do bebé?

O comboio da linha roxa desfila a toda a velocidade; o da linha castanha desliza para a estação e os alienados enfileiram-se para entrar, como os artigos em rotação numa linha de montagem.

Atrazo novamente o passo, desejando fazer alguma coisa, mas sem querer passar por intrometida ou rude. Existe uma fronteira ténue a separar

a solidariedade do desrespeito, e eu não a quero transpor. Pode haver um milhão de razões que a façam estar ali parada com a mala e a bebé nos braços em plena chuva, um milhão de razões além daquele pensamento incómodo que não me sai da cabeça: ela é uma sem-abrigo.

Trabalho com pessoas que vivem numa situação de pobreza, imigrantes na sua maior parte. Em Chicago, os níveis de literacia são pouco animadores. Cerca de um terço dos adultos tem um grau de alfabetização deficiente, implicando a falta de capacidade para preencherem o impresso de candidatura a um emprego; são incapazes de ler as direções ou de saber qual é a paragem onde devem sair quando viajam no «L». Não conseguem ajudar os filhos a fazer os trabalhos de casa.

A pobreza reveste-se de facetas sinistras: mulheres idosas enroscadas sobre os bancos nos parques da cidade, acarretando tudo o que possuem na sua vida em carrinhos de compras, esgravatando o lixo à procura de comida; homens espalmados contra os arranha-céus, nos dias mais gelados de janeiro, profundamente adormecidos e com um letreiro encostado ao corpo inerte: «Ajude, Por Favor. Tenho Fome. Deus o Abençoe.» As vítimas da pobreza vivem em péssimas casas em bairros miseráveis; os mantimentos de que dispõem são, no mínimo, insuficientes; é habitual passarem fome. Têm um acesso escasso, ou nulo, a cuidados de saúde, a programas de vacinação decentes; os seus filhos frequentam escolas com financiamento insuficiente, desenvolvem problemas comportamentais, testemunham a violência. Entre outras coisas, correm um risco mais elevado da prática de atividades sexuais numa idade imatura e, em consequência, o ciclo repete-se. As raparigas adolescentes geram crianças com pouco peso, as quais não têm acesso facilitado a cuidados de saúde, não são vacinadas e adoecem. Passam fome.

Em Chicago, a pobreza verifica-se sobretudo entre os negros e os hispânicos, mas isso não exclui a possibilidade de uma rapariga branca ser pobre.

Tudo isto se revolve na minha cabeça na fração de segundo em que me interrogo sobre o que fazer. Ajudar a rapariga. Entrar no comboio. Ajudar a rapariga. Entrar no comboio. Ajudar a rapariga.

Mas nessa altura, para minha surpresa, a rapariga embarca no comboio. Enfia-se entre as portas, segundos antes do aviso automático — *bing, bong, portas a fechar* — e eu entro logo a seguir, perguntando-me para onde é que vamos, a rapariga, a bebé e eu.

A carruagem está à cunha. Um homem levanta-se do seu lugar, oferecendo-o amavelmente à rapariga; sem dizer uma palavra, ela aceita,

sentando-se precipitadamente no banco metálico ao lado de um tipo com ar de vendedor de banha da cobra, com um casaco comprido preto, que olha para a bebé como se ela pudesse ter origem em Marte. Os passageiros perdem-se nas rotinas quotidianas do trajeto para o emprego — agarram-se aos telemóveis, aos portáteis ou a outros dispositivos eletrónicos, leem romances, o jornal, resumos das notícias do dia; bebericam cafés ou olham fixamente pela janela para a linha do horizonte citadino, absortos no dia cinzento. A rapariga retira com cuidado a bebé da sua bolsa marsupial. Desdobra o cobertor de felpa rosa, e milagrosamente, debaixo desse cobertor, a bebé aparece enxuta. O comboio lança-se na direção da estação da Armitage, planando por trás de edifícios revestidos a tijolo com três ou quatro andares, tão próximo das habitações das pessoas, que eu imagino como elas estremeçam quando o «L» passa por perto, com os copos a retinir nos armários e os televisores silenciados pela reverberação do comboio, a cada meia dúzia de minutos do dia e prolongando-se noite dentro. Deixamos o Lincoln Park seguindo para a Old Town e algures, a meio do percurso, a bebé acalma, com o choro reduzido a um vagido suave para alívio evidente dos que seguem na carruagem.

Fui forçada a ficar mais longe da rapariga do que desejava. Firmo o corpo para me defender da imprevisibilidade dos movimentos do comboio e espreito entre os corpos e pastas para dar uma olhadela fortuita — a pele marmórea e perfeita, manchada de vermelho devido ao choro; as faces cavadas da mãe; um macacão branco da *Onesies*; a sucção desesperada, faminta, de uma chupeta; uns olhos vazios. Uma mulher passa por elas e comenta: «Lindo bebé.» A rapariga obriga-se a sorrir.

Sorrir não é algo que seja natural na rapariga. Imagino-a ao lado da Zoe e sei que ela é mais velha: a desesperança nos seus olhos, por um lado, a ausência da vulnerabilidade crua da Zoe, por outro. E, é claro, existe também a bebé (obriguei-me a acreditar que a Zoe ainda pensa que os bebés são trazidos pelas cegonhas), embora ao lado do vendedor a rapariga pareça muito pequena, quase uma criança. O cabelo dela é assimétrico: cortado rente de um lado, a roçar-lhe no ombro do outro. É baço, como uma fotografia antiga em sépia, amarelecido pelo tempo. Há umas madeixas ruivas, que não são a sua cor natural. Traz uma maquilhagem pesada, em tons escuros, esborratada pela chuva e escondida sob a franja comprida e protetora.

O comboio abranda ao aproximar-se do Loop, oscilando desordenadamente nas suas voltas e reviravoltas. Fico a observar, enquanto a bebé é enfaixada de novo na felpa cor-de-rosa e enfiada no casaco de nylon, e

preparo-me para vê-las partir. Ela sai antes de mim, na estação da State/Van Buren, e eu fico a olhar pela janela, tentando mantê-la na minha visão, entre o profundo emaranhado que invade as ruas da cidade a esta hora do dia.

Mas perco-a de qualquer maneira e, de um momento para o outro, ela desaparece.

CHRIS

— Como correu o teu dia? — pergunta-me a Heidi quando entro em casa. Sou saudado pelo cheiro penetrante dos cominhos, o som do noticiário na televisão da sala e a aparelhagem de som da Zoe a retumbar ao fundo do corredor. No noticiário: «Níveis de precipitação elevados fustigam o centro-oeste.» Junto à porta, uma coleção de coisas molhadas: impermeáveis, chapéus de chuva e calçado. Acrescento algo à coleção e abano a cabeça para secar o cabelo como um cão molhado. Ao avançar para a cozinha, deposito um beijo na face da Heidi, num gesto mais rotineiro que de ternura.

A Heidi já tem o pijama vestido: de flanela, aos quadrados vermelhos, com as ondas ruivas naturais do cabelo amaciadas pela chuva. As lentes de contacto desapareceram e deram lugar aos óculos.

— Zoe! — berra ela. — O jantar está pronto — embora ao fundo do corredor, entre a porta fechada do quarto da nossa filha e o barulho ensurdecedor da música de uma *boysband*, não haja hipótese de ela ouvir.

— O que é o jantar? — pergunto.

— Chili. Zoe!

Eu adoro chili, mas ultimamente o chili da Heidi transformou-se num chili vegetariano, não só a abarrotar de feijão-preto, feijão-vermelho e grão-de-bico (e, aparentemente, de cominhos), mas também daquilo a que ela chama «picado de carne vegetariano», para transmitir a impressão de uma carne sem vaca. Ela tira rapidamente as tigelas do armário e começa a enchê-las de chili, com a ajuda de uma concha. A Heidi não é

vegetariana. Contudo, desde que há duas semanas a Zoe começou a clamar contra a gordura da carne, a Heidi tomou a decisão familiar de nos abstermos de carne temporariamente. Desde então, temos consumido rolo de carne vegetariano, esparguete com almôndegas vegetarianas e sanduíches vegetarianas de carne picada. Mas sem carne.

— Eu vou chamá-la — ofereço-me, e avanço pelo corredor estreito do nosso apartamento. Bato à porta trepidante e, com a licença da Zoe, enfio a cabeça lá dentro para a avisar do jantar, e ela diz-me que está bem. A Zoe está deitada na sua cama de dossel, com um bloco de apontamentos de folhas amarelas no colo, aquele que tem na capa uma colagem de estrelas *pop* adolescentes que ela arrancou das revistas. Fecha-o precipitadamente assim que eu entro e pega nas fichas de estudos sociais que jaziam ao seu lado, ignoradas.

Não lhe falo no picado vegetariano. Tropeço na gata ao voltar em direção à Heidi e ao meu quarto, despertando o nó da gravata.

Momentos depois, estamos sentados à mesa da cozinha e a Heidi volta a perguntar-me como correu o meu dia.

— Bem — respondo-lhe. — E o teu?

— Odeio feijão — declara a Zoe, enchendo a colher de chili, para depois deixar cair os feijões de novo para a tigela. O som do televisor da sala está desligado, mas os nossos olhares desviam-se para o aparelho enquanto fazemos o possível para seguir as notícias da noite pela leitura dos lábios. A Zoe recosta-se na cadeira, recusando-se a comer, uma versão clonada da Heidi, desde o arredondado das faces até ao cabelo ondulado e aos olhos castanhos, tudo semelhante, até os lábios em forma de arco do cupido e a dúzia de sardas espalhadas pelos narizes arrebitados.

— O que é que fizeste? — inquire a Heidi, e eu faço uma careta interior, sem vontade de reviver o meu dia e as histórias deprimentes dela de refugiados sudaneses à procura de asilo e de homens maduros que não sabem ler nem escrever. Queria apenas seguir tranquilamente o noticiário pela leitura dos lábios.

De qualquer forma, falo-lhe sobre o contacto telefónico com um cliente para uma auditoria jurídica, do alinhar de um contrato de aquisição e de uma conferência telefónica ridiculamente matutina com um cliente de Hong Kong. Às três desta madrugada, esgueirei-me do quarto que a Heidi e eu partilhámos e fui para o escritório em bicos de pés fazer a chamada. Quando esta terminou, tomei um duche e parti para o trabalho muito antes de a Heidi e a Zoe começarem a mexer-se.

— Amanhã de manhã parto para São Francisco — lembro-lhe.

Ela assente com a cabeça.

— Eu sei. Por quanto tempo?

— Uma noite.

E a seguir pergunto-lhe como passou o dia e a Heidi fala-me de um jovem que emigrou da Índia para os Estados Unidos há seis meses. Ele vivia nos bairros de lata de Mumbai:

— Dharavi, mais precisamente; um dos maiores bairros de lata do mundo — esclarece-me a Heidi —, onde ganhava menos de dois dólares por dia no seu país natal.

Ela conta-me acerca das casas de banho, como eram escassas e a grande distância. Em vez delas, os habitantes recorriam ao rio. Ela está a ajudar este homem, a quem chama Aakar, na gramática. O que não é fácil. «O inglês é uma língua muito difícil de aprender», sublinha ela.

Eu digo-lhe que já sabia.

A minha mulher é um coração compassivo, o que era absolutamente adorável quando lhe pedi que casasse comigo. No entanto, após catorze anos de casamento, as palavras «migrante» e «refugiado» tocaram-me de alguma maneira em algum ponto sensível, porque estou convencido de que ela se preocupa mais com o bem-estar deles do que com o meu.

— E o teu dia, Zoe? — pergunta a Heidi.

— Foi lixado — resmoneia a Zoe, afundada na sua cadeira, a olhar para o chili como se de excrementos de cão se tratasse, o que me leva a sorrir interiormente. Pelo menos, um de nós está a ser honesto. Eu gostava de ter uma segunda oportunidade. O meu dia também foi lixado.

— Lixado em que sentido? — pergunta a Heidi. Adoro a maneira como a Heidi pronuncia a palavra «lixado». A sua falta de naturalidade é cómica; a Heidi só costuma usar o termo «lixado» para se referir a algo que se relacione efetivamente com uma lixa. — O que é que tem o teu chili? Está muito picante? — insiste ela.

— Já te tinha dito. Odeio feijões.

Há cinco anos, a Heidi ter-lhe-ia recordado as crianças esfomeadas da Índia, ou da Serra Leoa, ou do Burundi. Mas, nos dias que correm, levar a Zoe a comer alguma coisa já é uma proeza. Ela odeia tudo ou então as coisas estão cheias de gordura, como a carne. E, por isso, passámos a comer picados.

Das profundezas da minha pasta — pousada no chão, ao lado da porta da rua — vem o toque do meu telemóvel, e a Heidi e a Zoe viram-se para mim, perguntando-se se eu me vou escapulir com o telemóvel a meio do jantar em direção ao escritório, o terceiro quarto que convertemos quando

se tornou óbvio que não haveria mais crianças para mim e para a Heidi. Por vezes, quando a Heidi está comigo no escritório, ainda dou com ela a passar os olhos pela mobília de escritório castanho-escura — uma secretária e prateleiras, e a minha cadeira de cabedal preferida — a imaginar algo completamente diferente: um berço e um móvel para mudar fraldas, animais da selva brincalhões a saltitarem pelas paredes.

A Heidi sempre quis uma família grande. Só que as coisas correram de outra maneira.

É raro termos um jantar simples sem o som odioso do meu telemóvel. Dependendo da noite, da minha disposição — ou, mais importante ainda, da disposição da Heidi — ou de qualquer tipo de emergência que surja de repente no trabalho desse dia, eu posso ou não atender. Esta noite, a minha resposta é enfiar na boca mais um pedaço de chili, e a Heidi sorri docemente, o que eu interpreto como um «obrigada». A Heidi tem um sorriso dulcíssimo, terno e delicioso. É um sorriso que emana de algum ponto interior e que não está apenas colado àqueles lábios de arco de cupido. Quando ela sorri, eu revivo o nosso primeiro encontro, num baile de beneficência da cidade, com o seu corpo envolto num vestido de tule *vintage* sem alças — vermelho, como a cor do seu batom. Parecia uma pintura. Uma obra de arte. Ela ainda estava na universidade e estagiava na associação sem fins lucrativos que agora praticamente dirige. Era uma época em que fazer uma direta não custava nada e em que eu considerava que quatro horas de sono eram uma boa noite. Uma época em que 30 anos pareciam uma idade avançada, de tal maneira que eu nem sequer imaginava como seria ter 39.

A Heidi acha que eu trabalho demais. Para mim, uma semana de 72 horas é a norma. Há noites em que só regresso a casa às duas horas da manhã; há noites em que estou em casa, mas fico fechado no escritório até o sol começar a nascer. O meu telefone toca a qualquer hora do dia ou da noite, como se eu fosse um médico de plantão e não alguém que lida com fusões e aquisições. A questão é que a Heidi trabalha numa associação sem fins lucrativos; apenas um de nós ganha o dinheiro suficiente para aguentar um apartamento na zona do Lincoln Park, pagar as propinas dispendiosas do colégio particular da Zoe e poupar para o curso superior.

O telemóvel para de tocar, e a Heidi vira-se para a Zoe. Quer saber mais sobre o seu dia.

Acontece que a Sra. Peters, a professora de ciências do 7.º ano, faltou e a substituta era uma perfeita... a Zoe interrompe o que ia a dizer, pensa

num adjetivo melhor do que aqueles que os pré-adolescentes inadapta-
dos lhe meteram na cabeça... uma perfeita chata.

— Porque dizes isso? — pergunta a Heidi.

A Zoe põe os olhos no chili, evitando o contacto visual.

— Não sei. Era chata, pronto.

A Heidi bebe um gole de água, e o seu rosto assume aquela expressão
inquisitiva e atenta. A mesma que me dedicou quando lhe referi o telefo-
nema às três da madrugada.

— Ela era má?

— Nem por isso.

— Demasiado autoritária?

— Não.

— Demasiado... feia? — intervenho eu, para aligeirar o ambiente.

Por vezes, a necessidade que a Heidi tem de saber as coisas introduz
um elemento de tensão. Ela está convencida de que ser uma progenitora
empenhada (e com isto eu pretendo dizer excessivamente empenhada)
vai garantir à Zoe que ela seja amada quando entrar naquilo que a Heidi
designa como «os anos turbulentos da adolescência». O que eu recorro
dos anos turbulentos da minha adolescência era a necessidade que sen-
tia de escapar aos meus pais. Quando eles me seguiam, eu corria ainda
mais. Mesmo assim, a Heidi andou a requisitar livros na biblioteca: obras
de psicologia sobre o desenvolvimento da criança, a parentalidade com
amor, os segredos de uma família feliz. Ela está pronta e determinada
a fazer isto como deve ser.

A Zoe dá uma risadinha. Quando ela o faz — o que acontece poucas
vezes —, volta a ter 6 anos de idade, consumadamente pura, ouro de
vinte e quatro quilates.

— Não — responde.

— Só... uma chata, é isso? Uma megera chata — sugiro. Desvio os fei-
jões-pretos para o lado, à procura de outra coisa qualquer. Tomate. Milho.
Uma batida desesperada ao chili. Evito o picado de carne vegetariano.

— Sim. Acho que é isso.

— E que mais? — inquire a Heidi.

— Hã? — A Zoe veste uma t-shirt com as palavras «paz» e «amor»
estampadas a rosa vivo e coberta de lantejoulas minúsculas. Prendeu o
cabelo de lado num rabo de cavalo, o que lhe dá um ar demasiado sofisti-
cado, com o aparelho dos dentes cor de tangerina a alinhar-lhe os dentes
irregulares. O braço esquerdo está cheio de desenhos: símbolos da paz,
o nome dela, um coração. O nome Austin.

Austin?

— O que mais é que foi lixado? — insiste a Heidi.

Quem diabo é o Austin?

— A Taylor entornou o leite dela ao almoço. Mesmo em cima do meu manual de matemática.

— O livro salvou-se? — deseja saber a Heidi. A Taylor é a melhor amiga da Zoe, a sua alma gémea, a amiga para sempre, desde que as duas tinham cerca de 4 anos. Partilham colares da amizade, com caveiras, imagine-se. O da Zoe é verde-lima e ela trá-lo ao pescoço de dia e de noite. A mãe dela, a Jennifer, é a melhor amiga da Heidi. Se a memória não me falha, as duas conheceram-se no jardim da cidade, duas meninas a brincar na caixa de areia enquanto as mães faziam uma pausa no mesmo banco de jardim. A Heidi refere isso como uma coincidência feliz. Embora eu pense que aquilo que aconteceu foi a Zoe ter atirado areia para o olho da Taylor e esses breves momentos iniciais não terem sido tão venturosos assim. Se não se desse o caso de a Heidi ter uma garrafa de água para lavar a areia e a Jennifer estar a meio de um divórcio e a precisar desesperadamente de alguém para desabafar, a história podia ter tido um desfecho diferente.

— Não sei. Acho que sim — diz a Zoe.

— É preciso comprar outro?

Nenhuma resposta.

— Aconteceu mais alguma coisa? Alguma coisa boa?

Ela abana a cabeça.

E este foi, em resumo, o dia lixado da Zoe.

A Zoe é autorizada a levantar-se da mesa sem comer o seu chili. A Heidi convence-a a dar umas dentadas num queque de farinha de milho e a terminar o seu copo de leite, mandando-a depois para o quarto para acabar os trabalhos de casa, e deixando-nos os dois a sós. O meu telemóvel toca mais uma vez. A Heidi levanta-se de súbito para tratar da louça e eu deixo-me ficar, interrogando-me sobre se disponho ou não de licença para sair. Mas, em vez disso, levanto alguns pratos da mesa e levo-os para junto da Heidi, que está a despejar o chili da Zoe no caixote do lixo.

— O chili estava bom — minto-lhe. O chili não estava bom. Empilho os pratos sobre a bancada da cozinha para a Heidi os passar por água e fico a pairar ao lado dela, com a mão pousada na flanela aos quadrados vermelhos.

— Quem é que vai a São Francisco? — pergunta a Heidi. Fecha a torneira e volta-se para me olhar de frente, e eu inclino-me para ela,

a recordar o que sinto quando estamos juntos, aquela familiaridade que está tão entranhada nos dois; algo natural, um hábito, uma segunda natureza. Passei quase metade da minha vida com a Heidi. Sei o que ela vai dizer antes de ela falar. Conheço a sua linguagem corporal, aquilo que ela transmite. Compreendo o seu olhar convidativo quando a Zoe dorme em casa de uma amiga ou já se foi deitar há muito tempo. Sei, neste momento, quando ela desliza os braços em volta de mim e me puxa para si, entrelaçando as mãos ao fundo das minhas costas, que esse não é um gesto de afeição; é de posse.

Tu és meu.

— Só duas ou três pessoas do escritório — digo-lhe.

Mais uma vez, aqueles olhos grandes e inquisitivos. Ela está à espera de que eu desenvolva.

— O Tom — refiro-lhe — e o Henry Tomlin. — E depois hesito, e provavelmente é essa hesitação que me denuncia. — A Cassidy Knudsen — confesso com um ar submisso, deixando sair o nome como se ela não soubesse quem é a Cassidy. Cassidy Knudsen, com um «k» mudo.

E isso leva-a a retirar as mãos e a voltar-se de novo para a pia.

— É uma viagem de trabalho — recordo-lhe. — Estritamente de trabalho — sublinho, pressionando o rosto contra o cabelo dela. Este tem um aroma a morangos, doce e succulento, misturado com a miscelânea dos cheiros da cidade: a sujidade da rua, os desconhecidos no comboio, o odor almiscarado da chuva.

— E ela sabe isso? — indaga a Heidi.

— Eu não me esqueço de lhe dizer — replico. E quando a conversa esmorece, com o silêncio da cozinha apenas quebrado pela introdução brusca dos pratos na máquina de lavar louça, eu aproveito a oportunidade para sair furtivamente e deambular até ao quarto para fazer a mala.

Não tenho culpa de ter uma colega de trabalho que é agradável à vista.

HEIDI

De manhã, quando acordo, o Chris já partiu. Ao meu lado, na mesinha de cabeceira em madeira envelhecida, está uma caneca com café, tépido e provavelmente cheio até cima de creme para café com sabor a avelã, mas ainda assim: café. Sento-me na cama, estendo a mão para a caneca e para o controlo remoto e ligo o televisor, apanhando a previsão do tempo para hoje. Chuva.

Quando percorro finalmente o corredor em direção à cozinha, num passo trôpego, passando pelas fotografias da Zoe na escola, do jardim de infância ao 7.º ano, encontro-a na cozinha a encher uma tigela com leite e cereais.

— Bom dia — digo-lhe, e ela dá um salto. — Dormiste bem? — pergunto, dando-lhe um beijo cauteloso na testa. Ela fica hirta, os gestos de ternura tendem a deixá-la desconfortável. E, contudo, como mãe dela, tenho necessidade de lhe demonstrar o meu afeto; o «dá cá mais cinco» ou o aperto de mão secreto que o Chris e a Zoe partilham simplesmente não chegam, pelo que lhe dou um beijo e sinto-a a retrair-se, sabendo que plantei o meu gesto de amor do dia.

A Zoe já está vestida com o uniforme do colégio: a saia de peitilho pregueada em padrão escocês, o casaco de malha azul-marinho e os sapatos que ela odeia, de biqueira arredondada e tira no peito do pé.

— Sim — responde ela, levando a taça para a mesa da cozinha para começar a comer.

— Que tal um sumo?

— Não tenho sede. — No entanto, eu vejo-a a dirigir o olhar para a máquina de café, uma porta que ela já abriu e que eu fechei com firmeza. As meninas de 12 anos não precisam de um estimulante para começar o dia. Apesar disso, encho a minha caneca até à borda, doseando-a com creme para café, e sento-me ao lado dela com uma taça repleta de cereais integrais com uvas-passas, tentando entabular uma conversa de circunstância sobre o dia em perspectiva. Sou inundada por «sins», «nãos» e «não sei», após o que a Zoe se escapa para ir lavar os dentes, deixando-me entregue ao silêncio da cozinha, à percussão constante dos pingos da chuva na janela de sacada.

Encaminhamo-nos para o dia molhado, contornando um vizinho que está parado no patamar. O Graham. Ele prime os botões de um relógio vistoso e o dispositivo emite uns bipes mais ou menos estridentes. O Graham sorri para si próprio, nitidamente satisfeito.

— Que surpresa encontrar as senhoras por aqui — chilreia ele, com o sorriso mais libertino que alguma vez vi. O cabelo louro, ligeiramente comprido, cai-lhe sobre a testa lustrosa em madeixas pesadas, as quais não demorarão a ficar completamente eretas graças a uma dose generosa de gel. Ele está encharcado, mas se é da chuva ou do suor é algo que eu não saberia dizer com franqueza.

O Graham regressa a casa da sua corrida matinal pela margem do lago, vestindo *Nike* da cabeça aos pés, e com um relógio ultraluxuoso para a contagem dos quilómetros e tempos intermédios. A sua indumentária condiz demasiado bem entre si, desde a faixa verde-lima no blusão à faixa verde-lima nos ténis.

Ele é aquilo a que se pode chamar metrossexual, embora o Chris tenha a certeza de haver algo mais por detrás disso.

— Bom dia, Graham — saúdo-o. — Que tal a corrida?

Ele encosta-se à parede cor de trigo com lambris brancos e dirige um esguicho de água para a boca, antes de me responder:

— Incrível.

Há uma expressão de euforia no rosto dele que faz a Zoe corar. Ela olha de relance para os sapatos, limpando a terra invisível de um deles com a biqueira do outro.

O Graham é um órfão trintão que vive neste prédio porque o apartamento ao lado do nosso lhe foi deixado em testamento pela mãe, que morreu há muitos anos. Foi o mesmo que ganhar a lotaria já que, além dos bens da mãe, o Graham recebeu ainda centenas de milhares de dólares de um processo litigioso no hospital, dinheiro que ele vai esbanjando

aos poucos em relógios extravagantes, vinhos caríssimos e na decoração sumptuosa da sua casa.

Embora tencionasse vender o apartamento depois de a mãe morrer, ele acabou por vir viver para aqui. Os camiões das mudanças substituíram por completo o mobiliário e objetos ecléticos da mãe pelos de linhas modernas do Graham, tão elegantes e sofisticados que pareciam saídos do catálogo da *Design Within Reach*, a famosa cadeia de mobiliário e design, com as suas linhas direitas, ângulos pronunciados e cores neutras. Ele é um minimalista, e o apartamento está cheio de espaços vazios, à exceção das inúmeras folhas de papel de computador que atapetam o chão.

— Homossexual — garantiu-me o Chris da primeira vez que entramos no novo apartamento do Graham. — Ele é homossexual. — Não foi apenas a decoração da casa que chamou a sua atenção, mas também os roupeiros cheios de roupa, mais do que eu alguma vez tive, deixados propositadamente abertos para nós vermos. — Fixa as minhas palavras. Tu vais ver.

E, mesmo assim, há mulheres que o visitam com regularidade, mulheres espantosas que me deixam de olhos arregalados. Mulheres de cabelo pintado de louro e olhos em azul artificial, com corpos de *Barbie*.

O Graham veio para cá quando a Zoe ainda andava de gatas. Ela sentiu-se atraída por ele como uma mosca da fruta por uma taça de bananas maduras. Enquanto escritor *freelance*, o Graham estava frequentemente em casa, com o olhar absorto no ecrã do computador, a intoxicar-se em cafeína e dúvidas sobre si próprio. Socorreu-nos mais de uma vez quando a Zoe estava doente e nem o Chris nem eu podíamos faltar ao trabalho. O Graham dava-lhe as boas-vindas no seu sofá *capitoné*, onde assistiam juntos a desenhos animados. Ele é a pessoa certa sempre que se precisa de uma colher de manteiga, de amaciador para a roupa ou de alguém para segurar a porta. Também é fora de série no que toca à expressão escrita, ajudando a Zoe nos trabalhos de casa de inglês quando o Chris ou eu não o podemos fazer. É perito em temperar o peru, algo que eu concluí ser incapaz de fazer pouco tempo antes de acabar de fazer o jantar do Dia de Ação de Graças para os meus sogros.

Em síntese, o Graham é um bom amigo.

— Tu e a Zoe deviam juntar-se a mim um dia destes — sugere o Graham, referindo-se à corrida. Ao ver a série de garrafas de água que ele traz presas à cintura, decido que é melhor não.

— Se eu aceitasse, arrependias-te — observo, vendo o Graham a des-pentear o cabelo da Zoe e esta a corar novamente, sendo que desta vez o tom róseo não tem nada que ver com as suas provocações sensuais.

— E tu? — ele vira-se para a Zoe, que encolhe os ombros. Os 12 anos de idade trazem algumas vantagens, o facto de se conseguir desviar as atenções com um encolher de ombros e um sorriso tímido. — Pensa nisso — acrescenta ele com um sorriso libertino, exibindo os dentes impecavelmente brancos numa fila simétrica, como crianças de escola bem comportadas. A sombra dos pelos faciais nos pontos onde a barba ainda está por fazer, os olhos velados, que a Zoe evita como se tivessem lepra. Não porque ela não goste dele. Mas porque gosta.

Despedimo-nos dele e partimos em direção à chuva.

Acompanho a Zoe à escola antes de seguir para o emprego. A Zoe frequenta a escola católica do nosso bairro, aninhada junto a uma igreja bizantina imponente, com as suas fachadas de tijolo cinzento, portas em madeira maciça e uma cúpula celestial que se estende até ao céu. A igreja está profusamente ornamentada, desde os frescos dourados que cobrem as paredes aos vitrais e ao altar de mármore. O colégio fica por detrás, resguardado das vistas, um vulgar edifício escolar de tijolo, com um pátio de recreio e uma multidão de crianças com uniformes escoceses idênticos escondidos sob gabardinas multicolores, transportando mochilas demasiado cheias para os seus corpos frágeis. A Zoe escapa-se de mim quase sem dizer adeus e eu fico a observá-la da esquina, enquanto ela vai ao encontro dos outros colegas do 7.º ano, apressando-se a deixar a rua ensopada para entrar no edifício seco e evitando os miúdos mais pequenos — os que se agarram às pernas dos pais, afirmando que não querem ir —, como se tivessem alguma doença contagiosa.

Fico à espera de a ver entrar na escola e depois sigo o meu caminho em direção à estação da Fullerton. De repente, a chuva, na sua violência máxima, transforma-se em granizo e eu acabo por correr desajeitadamente, com os pés a patinhar nas poças de água e a salpicar as pernas com a água enlameada.

A rapariga e a bebé surgem no meu pensamento e pergunto-me se também elas estarão por aí, num sítio qualquer, a ser fustigadas pela chuva.

Ao chegar à estação, tiro o passe para ultrapassar o torniquete e subo precipitadamente os degraus escorregadios, na expectativa de as ver outra

vez: a rapariga e a bebé; mas elas não estão lá. É óbvio que fico contente por a bebé e a mãe não se encontrarem na plataforma com este tempo atroz, mas a minha mente começa a divagar: onde estão elas e, ainda mais importante, será que estão em segurança? Estarão abrigadas? Esta é a definição de uma sensação agridoce. Espero com impaciência a chegada do comboio e, quando este aparece, entro e colo os meus olhos à janela, meio à espera de que as duas surjam a qualquer momento: o casaco verde-tropa e as botas de atacadores, a mala *vintage* de cabedal e o cobertor de felpa rosa ensopado, a cabecinha cremosa e vulnerável da bebé, com uma plumagem esparsa e delicada, o seu sorriso desdentado.

No emprego, o nosso centro de literacia recebe uma visita de estudo de alunos do 3.º ano. Com uma mão-cheia de voluntários, lemos poemas aos estudantes, após o que eles põem à prova a sua capacidade para escrever poemas e ilustrá-los, algo que os mais audaciosos partilham com o grupo. A maior parte dos estudantes que visitam o centro é oriunda da classe baixa dos bairros urbanos, predominando os afro-americanos ou os latinos. Muitos provêm de lares com rendimentos baixos, e uns quantos falam outra língua além do inglês — espanhol, polaco, chinês.

Muitas destas crianças vêm de famílias em que o pai e a mãe trabalham, nos casos em que os dois ainda estão presentes. Muitas pertencem a famílias monoparentais. Muitas são crianças solitárias, que passam as tardes e parte da noite entregues a si próprias. São negligenciadas devido a questões mais prementes: a comida e a habitação, mais precisamente. Uma manhã passada no nosso centro é mais do que um momento educativo e um incentivo ao gosto pelos sonetos e pelos *haikus*. Tem que ver com a forma como as crianças se retraem quando aqui chegam (protestando em silêncio contra a tarefa que lhes é atribuída) e com a fortaleza de espírito com que partem depois de algumas horas de trabalho esforçado e da atenção integral por parte da nossa equipa.

No entanto, assim que as crianças saem, os pensamentos sobre a rapariga e a bebé regressam.

A chuva amainou pela hora do almoço, resumindo-se agora a uns chuviscos irrisórios. Abotoo o impermeável e saio para a rua, percorrendo a State Street num passo rápido, enquanto me banqueteio com uma barra de muesli energética em substituição do almoço, seguindo em direção à biblioteca para trazer o livro requisitado através do empréstimo interbibliotecas. Adoro em absoluto a biblioteca, com o seu átrio iluminado pelo sol (embora isso não aconteça hoje), as gárgulas grotescas em granito e milhões e milhões de livros. Adoro o silêncio, a passagem para

o conhecimento, para a língua francesa e a história medieval, a engenharia hidráulica, os contos de fadas, a aprendizagem de uma forma muito primitiva: livros, algo que está a dar lugar rapidamente à tecnologia moderna.

Paro um momento junto a uma sem-abrigo encostada ao edifício de tijolo vermelho e coloco-lhe umas notas de dólar na sua mão estendida. Quando a mulher sorri para mim, noto-lhe a ausência de muitos dentes e também o chapéu preto leve que lhe cobre a cabeça e cujo objetivo seria mantê-la aquecida. Ela balbucia um agradecimento, inarticulado e difícil de entender, com os dentes que ainda lhe restam enegrecidos pelo que imagino ser o uso de metanfetaminas.

Descubro o meu livro na prateleira das obras requisitadas e depois ultrapasso uma série de lanços de escadas para chegar ao sétimo andar, cruzando-me com elementos da segurança e grupos de estudo da escola básica, homens ociosos que vagueiam por ali e mulheres na companhia de outras mulheres, com as vozes demasiado estridentes para uma biblioteca. O ambiente está quente, tranquilo e completamente acolhedor quando chego aos corredores da literatura à procura de qualquer coisa agradável para ler, o último bestseller do *New York Times*.

E é ali que a vejo, a rapariga com a sua bebé, sentada no chão de pernas cruzadas, entre os corredores da literatura, com a bebé atravessada no colo, soerguendo-lhe a cabeça com o joelho. A mala repousa no chão, ao seu lado. Aparentemente, a rapariga está aliviada por se libertar do seu peso por algum tempo. Tira do bolso do casaco verde-tropa um biberão, que introduz na boca recetiva da bebé. A seguir, estica o braço para um livro na prateleira inferior e — enquanto eu me esgueiro para o corredor ao lado, arrebatando um thriller de ficção científica e abrindo-o bruscamente na página 47 — escuto a voz dela a ler suavemente o *Anne e a Sua Aldeia*, ao mesmo tempo que acaricia a bebé na parte inferior dos dedos do pé.

A criança está completamente tranquila. Observo furtivamente, entre as prateleiras metálicas, a bebé a esvaziar o biberão até só restarem bolhas residuais no fundo, e enquanto suga, os seus olhos ficam cada vez mais pesados e, muito, muito, lentamente, vão-se fechando, com o corpo a gravitar até ao estado de dormência, perfeitamente imóvel à exceção de ocasionais contrações involuntárias. A mãe continua a ler, acariciando os dedos minúsculos com o polegar e o indicador e, de repente, eu estou a espiar um momento muito íntimo entre uma mãe e a sua filha.

Uma funcionária da biblioteca aparece.

— Precisa que a ajude a encontrar alguma coisa? — oferece-se, e eu dou um salto, apertando o thriller de ficção científica na mão. Sinto-me culpada, desorientada, com o impermeável ainda a pingar a água da chuva. A funcionária sorri, tem um rosto suave e amável.

— Não — respondo-lhe rapidamente, em voz baixa; não quero acordar a bebé. E segredo-lhe: — Não, acabei de o encontrar — e apresso-me a dirigir-me às escadas e a descê-las para ir requisitar o meu novo livro.

Ao regressar a casa do emprego, passo pelo clube de vídeo e trago um filme de adolescentes para a Zoe e para mim, e um pacote de pipocas para micro-ondas com baixo teor de gordura. O Chris foi sempre um profissional em movimento. Quando era mais nova, a Zoe sofreu os efeitos negativos do seu pai «estou aqui neste momento, já desapareci no seguinte». Sempre que ele viajava, nós inventávamos coisas divertidas para passar o tempo quando não podíamos estar com o papá: filmes à noite e dormidas na cama grande, jantar de panquecas e a criação de histórias em que o Chris era um viajante do tempo (muito mais excitante) e não um gestor de fortunas itinerante (desinteressante).

Apanho o elevador para o 5.º andar do nosso edifício de época e, ao entrar em casa, encontro-a anormalmente tranquila, com uma ausência de luz estranha. Regra geral, é o som atordoante da aparelhagem da Zoe que me dá as boas-vindas. Mas, hoje, é apenas o silêncio. Acendo bruscamente um candeeiro na sala de estar e chamo-a. Junto ao seu quarto, bato à porta. Distingo a luz a infiltrar-se por debaixo, mas não obtenho resposta. Entro, mesmo sem convite.

A Zoe, ainda vestida com o uniforme escolar — o que é uma raridade nestes tempos —, está estendida sobre o tapete creme e felpudo que cobre o soalho de madeira nobre. Habitualmente, a partir do momento em que entra em casa, o uniforme é posto de lado para dar lugar a qualquer coisa gráfica que tenha lantejoulas ou tachas a imitar diamantes. Vejo que ela respira — dorme — pelo que não entro em pânico. Mas fico a observá-la, abraçada ao bloco amarelo e deitada inerte no chão como se, inesperadamente, o seu corpo se tornasse demasiado pesado para o suportar. Está enroscada num cobertor macio e a cabeça repousa na almofada com a inscrição «Abraços & Beijos». O aquecedor, comprado pelo Chris depois de a Zoe se queixar insistentemente de ter frio, está regulado para os 26 °C. O quarto parece um forno, uma caldeira, e a Zoe, deitada a pouco

mais de meio metro de distância, está a ser cozinhada. As faces dela estão vermelhas; é uma sorte o cobertor não se ter incendiado. Estendo a mão para o interruptor e desligo o aparelho, mas serão precisas várias horas até o quarto arrefecer.

Os meus olhos vagueiam pelo quarto, algo a que Zoe reagiria com brusquidão se não estivesse a dormir: os tijolos à vista, aleatoriamente espalhados pelas paredes do apartamento e que o Chris intuiu ser a razão que fazia o quarto da Zoe ficar tão frio; a manta de retalhos sobre a cama de dossel por fazer; pósteres de celebridades adolescentes e paraísos tropicais colados à parede com mástique. A mochila dela está no chão, aberta e com o conteúdo espalhado, com a barra de cereais que lhe meti na mão antes da escola, para ela comer qualquer coisa a seguir às aulas, intacta. Uma miscelânea de bilhetes dos colegas de escola espalha-se pelo chão. As gatas enroscam-se junto da Zoe, tirando partido deste calor febril.

Deslizo as mãos pelo seu cabelo comprido e murmuro o nome dela uma e outra vez. Quando desperta, senta-se de imediato, com os olhos muito abertos, como se tivesse sido apanhada a fazer alguma coisa errada. Alguma coisa má. Põe-se em pé de um salto, com as gatas a fazerem o mesmo, e atira o cobertor para a cama.

— Estava cansada — justifica-se, e o seu olhar percorre rapidamente o quarto, enquanto se interroga sobre quais as transgressões, se as houver, que eu descobri. Nenhuma. São quase sete horas e lá fora, algures por entre as nuvens escuras e roliças, o sol começa a declinar. Em São Francisco, é provável que o Chris esteja a sentar-se para um jantar caríssimo nalgum restaurante extravagante, a observar a Cassidy Knudsen do outro lado da mesa. Obrigo-me a remover o pensamento da cabeça.

— Nesse caso, ainda bem que fizeste uma sesta — digo-lhe, detendo o olhar nos vincos que lhe atravessam a bochecha, nos olhos castanhos cansados. — Como correu o teu dia?

— Bem — responde-me, arrebatando o bloco de apontamentos do chão. Agarra-se a ele como uma cria de lémure se segura ao pelo da mãe.

— A Sra. Peters apareceu?

— Não.

— Deve estar realmente doente — observo. Este ano parece que o surto da gripe apareceu mais tarde. — Tiveram um substituto? A chata? A Zoe acena afirmativamente com a cabeça. Sim. A chata.

— Vou preparar o jantar — digo-lhe, mas ela informa-me, para minha surpresa:

— Já comi.

— Ah, sim?

— Estava com fome. A seguir à escola. Não sabia a que horas vinhas para casa.

— Não faz mal — digo-lhe. — O que comeste?

— Queijo gratinado — responde ela e a seguir, para contrabalançar — e uma maçã.

— Está bem.

Apercebo-me de que ainda tenho o impermeável vestido, as botas calçadas e que continuo com a mala pendurada no corpo, de través. Introduzo a mão no saco, cheia de entusiasmo, e mostro-lhe o filme e as pipocas.

— Estás preparada para uma sessão de cinema? — proponho. — Só nós as duas?

Ela não reage, o rosto dela está inexpressivo e não responde ao meu sorriso parvo. Prevejo o «não», antes de ele surgir.

— É que... — começa ela. — Tenho um teste amanhã. De média, mediana e moda.

Volto a enfiar o filme dentro do saco. Tanta coisa para nada.

— Nesse caso, posso ajudar-te a estudar — ofereço-me.

— Não é preciso. Fiz umas fichas de estudo. — E mostra-mas, para mo provar.

Tento não ficar demasiado afetada, porque também já tive 12 anos de idade — ou 16 ou 17 — e preferia ir ao dentista a ter de passar tempo com a minha mãe.

Aceno-lhe com a cabeça.

— Está bem — concordo, e deslizo para fora do quarto. Silenciosa como um rato, ela fecha e tranca a porta atrás de mim.

CHRIS

Estamos sentados num quarto de hotel: o Henry, o Tom, a Cassidy e eu. É o meu quarto. Está uma caixa com uma pizza de salpicão (carne!) meio comida em cima da televisão e latas de refrigerante abertas espalhadas pela sala. O Henry está na casa de banho, a satisfazer alguma necessidade fisiológica, presumo eu, porque já foi para lá há bastante tempo. O Tom está ao telefone, ao canto, pressionando o ouvido com o dedo para conseguir ouvir. Há gráficos de toda a espécie sobre a minha cama, pratos de papel sujos por toda a parte, na mesa, no chão. O prato da Cassidy está pousado na mesa de apoio, aquele que tem o salpicão que foi retirado e colocado ao lado numa pilha ordenada, junto à lata de refrigerante dela, de baixo teor calórico. Arrebato uma rodela de salpicão e meto-a na boca. Ao vê-la a olhar para mim, encolho os ombros e protesto:

— O que foi? A Heidi aboliu a carne durante uns tempos. Estou a ficar com deficiência de proteínas.

— O bife de lombo à Nova Iorque não satisfez essa carência? — replica a Cassidy. Sorri para mim. Um sorriso de certo modo atiradiço. A Cassidy Knudsen está na casa dos 20 anos, próximo dos 30, e acabou de tirar um MBA. Trabalha connosco há cerca de dez meses. É um perfeito génio, mas não daquele tipo esquisito ou lorpa. Mais o tipo que pode usar termos como «fiduciário» e «cobertura de risco» e fazer com que isso soe realmente fantástico. A constituição dela lembra um poste de iluminação, alta e delgada, com uma esfera no topo a resplandecer.

— Se quisesse que a minha mulher estivesse aqui, tinha-a trazido.

A Cassidy está sentada na berma da minha cama. Veste uma saia travada e calça uns sapatos de salto alto. Uma mulher com a estatura da Cassidy não precisa de saltos altos, o que torna tudo ainda mais picante. Ela passa as mãos pelo cabelo cor de champanhe, liso e com um corte tipo Chanel, e profere:

— *Touché*.

Do outro lado da janela, a noite é iluminada pela linha do horizonte de São Francisco. Os cortinados pesados estão corridos para o lado. Se olhar na perspectiva correta, consigo avistar os edifícios Transamerica e 555 California Street, e a baía de São Francisco. No quarto ao lado do nosso, a televisão tem o volume alto e o som da pré-temporada do baseball infiltra-se pelas paredes. Pesco outra rodela de salpicão da Cassidy e ponho-me à escuta; os Giants estão a ganhar por 3 a 2.

O Henry emerge da casa de banho e nós fazemos o possível por nos abstrairmos do cheiro nauseabundo que o segue.

— Chris — chama, estendendo-me o telemóvel que traz na mão. Pergunto-me se terá lavado aquela mão. Pergunto-me se ele esteve ao telemóvel durante o tempo passado na casa de banho. O Henry não é um dos tipos com mais classe do mundo. Na verdade, ao vê-lo a sair da casa de banho, reparo que ele traz a braguilha das calças aberta e eu até o avisava disso, só que ele acabou de empestar o meu quarto. — O Aaron Swindler quer falar contigo. — Agarro no telemóvel e fico a vê-lo procurar mais uma fatia de pizza às apalpadelas, o que me tira de imediato o apetite.

Não é coincidência que o apelido do nosso potencial cliente seja Swindler¹. Recorro à minha voz mais comercial, enquanto deambulo à procura de um canto isolado neste quarto de hotel sobrelotado.

— Como está, Sr. Swindler? — saúdo. — O que me diz dos Giants? — Embora aposte, com base nos assobios vindos do quarto adjacente, que os Giants já perderam a vantagem no jogo.

Nem sempre quis ser um banqueiro de investimento. Aos 6 anos de idade, eu tinha todo o tipo de objetivos nobres: ser astronauta, jogador de basquetebol profissional, barbeiro (na altura achava isso sublime, uma espécie de cirurgião do cabelo). À medida que fui crescendo, a carreira em si passou para segundo plano, passando a ser mais importante aquilo que se ganhava. Imaginava uma *penthouse* no bairro de Gold Coast, um carro desportivo de luxo, o olhar das pessoas a pousar em mim. Mudei rapidamente para as alternativas de advogado, médico ou piloto, mas

¹ Vigarista, em português. [N. da T.]

nenhuma delas me interessou. Ao chegar a altura de ir para a universidade, eu sentia uma atração tão forte pelo dinheiro, que me especializei em finanças, parecendo-me ser a coisa certa a fazer. Sentar-me na sala de aulas com um grupo de miúdos superprotegidos e falar sobre dinheiro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Ao olhar para trás, deve ter sido isso o que mais me atraiu na Heidi no nosso primeiro encontro. Ela não era obcecada pelo dinheiro, ao contrário de toda a gente que eu conhecia. A sua obsessão era pela falta de dinheiro, os que nada tinham *versus* os que tinham tudo, enquanto eu apenas me interessava pelos ricos. Quem é que tinha mais dinheiro e como é que eu poderia obter algum.

O Aaron Swindler está a divagar sobre derivados, quando ouço o meu telemóvel a tocar do outro lado do quarto, no sítio onde o deixei sobre o edredão listado, ao lado da Cassidy, e agora do Henry. Este, que tem 40 anos e é um solteirão inveterado, olha, não tão subtilmente como devia, para os collants finos nas pernas dela. Estou à espera de um telefonema importante que não posso perder, pelo que faço um gesto à Cassidy para ela atender, após o que a ouço a dizer para o aparelho numa voz cantante:

— Olá, Heidi.

Sinto-me a esvaziar, como um balão de hélio no final de uma festa. *Merda*. Levanto o dedo na direção da Cassidy — *espera aí!* — só que o Aaron Swindler não para de falar nos malditos derivados, e por isso sou obrigado a seguir um longo diálogo entre a Cassidy e a minha mulher, sobre o voo para São Francisco, o jantar num caríssimo restaurante de carne grelhada e a porcária do tempo.

A Heidi viu a Cassidy exatamente três vezes. Sei isso porque a seguir a cada um desses encontros fui castigado com o tratamento do silêncio, como se tivesse alguma coisa a ver com a admissão dela ou até com a sua boa aparência. A primeira vez que as duas se encontraram foi no verão passado, num piquenique da empresa no jardim botânico. Nunca tinha falado à Heidi sobre a Cassidy. Ela trabalhava connosco há umas seis semanas apenas e não me pareceu que fosse uma coisa necessária, ou prudente, para fazer. Mas quando a Cassidy apareceu à nossa frente, com um ar descontraído no seu longo vestido de verão sem alças — e nós à sombra de um ácer, transpirados e sentindo-nos completamente nojentos num dia em que a temperatura rondava os 32 °C —, eu vi a Heidi apalpar desajeitadamente a saia e a blusa de ganga que vestia, nitidamente encharcadas de suor. E vi todas as suas camadas de autoconfiança a desabar.

— Quem é ela? — perguntou a Heidi mais tarde, quando os sorrisos fingidos e os «foi um prazer conhecê-la» já tinham terminado, e a Cassidy se afastara em busca de outro casamento feliz para desestabilizar. — A tua secretária?

Nunca percebi onde a Heidi queria chegar com aquilo, se o facto de ter a Cassidy Knudsen como minha secretária seria melhor ou pior.

Mais tarde, em casa, apanhei a Heidi a extrair ínfimos cabelos brancos da cabeça com uma pinça. E, pouco depois, o nosso toucador foi invadido por produtos de beleza carregados de agentes antirrugas e promessas de combate ao envelhecimento.

É isto que recordo quando devolvo o telemóvel ao Henry, tendo o cuidado de dizer «Toma lá, Henry» numa voz bem audível, para que, em Chicago, a Heidi saiba que a Cassidy e eu não estamos sozinhos, após o que sigo precipitadamente para o corredor com o telemóvel na mão. Quero deixar bem claro que a Heidi é uma mulher linda. Muito atraente. Ninguém iria saber que a Cassidy e a minha mulher estão separadas por uma década.

No entanto, a Heidi sabe.

— Olá — digo-lhe.

— O que foi aquilo? — pergunta ela. Imagino-a em casa, na cama, com o pijama vestido, o vermelho de flanela, ou talvez a camisa de noite às pintinhas que a Zoe escolheu para o aniversário dela. A televisão do quarto está sintonizada nas notícias, e ela tem o computador portátil atravessado sobre as pernas. O cabelo está repuxado num daqueles tufos desconexos, qualquer coisa que o impeça de cair sobre os olhos, enquanto ela pesquisa informação online sobre os bairros de lata de Dharavi ou talvez estatísticas sobre a pobreza global. Não sei. Se calhar, quando eu não estou em casa, ela anda a pesquisar páginas de pornografia. Não. Recuso essa ideia. A Heidi não. Ela tem demasiado bom gosto para gostar de pornografia. Talvez esteja à procura de algum uso prático para o picado de carne vegetariano. Comida para gato. Areia para gato?

— O quê? — replico, fazendo-me de parvo. Como se não tivesse reparado. A parede do hotel está forrada com o papel mais horroroso que já vi, um tipo de padrão geométrico vermelho que faz doer o coração.

— A Cassidy a atender o teu telemóvel.

— Ah! — exclamo. — Isso. — Conto-lhe acerca do telefonema do Aaron Swindler e depois mudo de assunto o mais depressa que consigo, pegando na primeira coisa que me vem à cabeça. — Continua a chover

por aí? — pergunto-lhe. Não existe nada mais banal do que falar sobre o tempo.

Continua. O dia inteiro.

— O que aconteceu para ainda estares acordada? — inquiri. Em Chicago já passa das onze da noite.

— Não conseguia dormir — explica ela.

— Porque sentes a minha falta — alvitro, embora nós saibamos obviamente que isso não é verdade. O mais certo é eu passar mais tempo fora do que dentro de casa, o que acontece desde que começámos a namorar. A Heidi está habituada às minhas ausências. Como se costuma dizer: «Longe da vista, mas perto do coração». Pelo menos, é isso que ela me diz quando lhe pergunto se sente a minha falta. Lá no fundo, eu acho que a Heidi gosta de ter a cama só para ela. Gosta de dormir de barriga para baixo, além de me roubar os cobertores, e também tem a tendência para se atravessar na cama. Para o nosso casamento, o facto de eu estar num quarto de hotel simplesmente funciona.

— Claro — concorda ela. E a seguir, o esperado: — Longe da vista, mas perto do coração.

— Quem é que disse isso, afinal?

— Não tenho a certeza. — Ouço os dedos dela a passarem pelo teclado do computador. Clique, clique, clique. — Como vão as coisas?

— Bem — respondo-lhe, intimidando-a mentalmente a ficar por ali.

Mas ela não o faz. A minha Heidi não é assim.

— Só bem? — averigua ela, e eu sinto-me forçado a falar-lhe do atraso do voo devido à chuva, da turbulência que se seguiu e do copo de sumo de laranja que se entornou por causa disso, do almoço com um cliente no Fisherman's Wharf e das razões que me levam a antipatizar com o Aaron Swindler.

Mas quando lhe pergunto como correu o seu dia, a Heidi só quer falar sobre a Zoe.

— Está com um comportamento estranho — diz-me.

Eu dou uma risadinha. Vou deslizando pelo papel geométrico vermelho até ficar sentado no chão.

— Ela tem 12 anos, Heidi — argumento. — É normal que esteja estranha.

— Esteve a dormir uma sesta.

— Então, é porque estava cansada — observo.

— Ela tem 12 anos, Chris. Os miúdos de 12 anos não dormem sestas.

— Talvez esteja a ficar doente. A gripe anda por aí — lembro-lhe.

— Talvez — admite a Heidi, mas depois acrescenta —, mas não me pareceu que ela estivesse doente.

— Não sei, Heidi. Os meus 12 anos já passaram há muito tempo. E, além disso, eu sou homem. Sei lá. Talvez seja um surto de crescimento, ou então qualquer coisa da puberdade. Pode acontecer simplesmente que ela não tenha dormido bem.

Quase consigo sentir o choque da Heidi.

— Tu achas que a Zoe está a entrar na puberdade? — pergunta-me. Por vontade dela, a Zoe usava fraldas e babygros fofinhos o resto da vida. Ela não espera pela minha resposta. — Não — afirma, decidindo por si própria — Ainda não. A Zoe nem sequer é menstruada.

Sinto um calafrio. Detesto a palavra. «Menstruada», «menstruação». «Fluxo menstrual». Imaginar a minha filha a usar tampões — ou ser até forçado a ouvir falar disso — enche-me de pavor.

— Pergunta à Jennifer — sugiro. — Pergunta à Jennifer se a Taylor é... — faço um esgar e obrigo-me a dizê-lo — menstruada. — Eu sei como são as mulheres. Uma pequena dose de companheirismo resolve seja o que for. Se a Taylor também já entrou na puberdade, a Heidi e a Jennifer podem telefonar uma à outra e trocar mensagens de texto sobre os pelos púbicos que começam a despontar e os soutiens para adolescentes, e tudo se vai resolver.

— Vou fazer isso — diz ela, num tom determinado. — É boa ideia. Vou perguntar à Jennifer. — A voz da Heidi está mais calma, com os pensamentos angustiantes que lhe torturavam a cabeça apaziguados, de momento. Imagino-a a fechar o computador e a colocá-lo do meu lado da cama: um amigo do peito para passar a noite. — Chris — começa ela.

— Diz.

Mas ela reconsidera.

— Deixa lá.

— O que é? — insisto. Um casal aparece no corredor de mão dada, e eu encolho as pernas para os deixar passar. A mulher diz-me num tom majestoso:

— Peço perdão.

Respondo-lhe com um aceno de cabeça. Devem ter uns 65 anos e ainda dão a mão. Fico a observá-los, de calças caqui a condizer e os casacos de meia estação, e lembro-me de que é raro a Heidi e eu darmos a mão. Somos como as rodas de um carro: em sincronia, mas também independentes.

— Não é nada.

— Tens a certeza?

— Sim — confirma ela. — Falamos sobre isso quando regressares. — E, pela primeira vez, ela decide que está cansada. A voz dela parece-me exausta. Vejo-a a deslizar gradualmente para debaixo da coberta, um edredão asfíxiante que me deixa a transpirar mesmo no pino do inverno. Visiono as luzes do quarto a apagarem-se, a televisão a apagar-se, os óculos da Heidi na mesa de apoio ao lado da cama, conforme acontece sempre.

Uma imagem surge de repente no meu pensamento, espontânea e indesejada, e eu expulso-a tão rapidamente como a bala de um canhão. *O que veste a Cassidy Knudsen quando dorme?*

— Está bem — digo. Do interior do meu quarto de hotel, alguém bate à porta. Estão a precisar de mim. Ponho-me de pé e digo à Heidi que tenho de ir. Ela diz-me que está bem. Damos a boa noite um ao outro e digo-lhe que a amo. Ela responde «a ti também», como faz sempre, embora ambos saibamos que a expressão não é gramaticalmente correta. É uma coisa só nossa.

Ao regressar ao quarto e olhar disfarçadamente para a Cassidy, com a sua saia travada e os saltos altos, ainda sentada na berma da minha cama, não consigo deixar de me perguntar: *Uma combinação de cetim? Um negligé de renda?*

UM THRILLER EMOCIONANTE E DE GRANDE INTENSIDADE PSICOLÓGICA QUE PRENDERÁ O LEITOR DO PRINCÍPIO AO FIM

Numa manhã fustigada pelo mau tempo, Heidi Wood vê numa estação de comboios uma adolescente com um bebé ao colo. A partir desse momento, essa imagem não lhe sai da cabeça.

Quando, dias mais tarde, volta a encontrar a rapariga com a bebé, Heidi decide ajudá-las e leva-as para sua casa. Chris, o marido de Heidi, assim como a filha, Zoe, opõem-se em absoluto à ideia de esta jovem, que diz chamar-se Willow, ficar em sua casa, temendo que ela possa ser uma criminosa. No entanto, Heidi não lhes dá ouvidos e, à medida que o tempo passa, sente que não pode abandonar a rapariga, e acima de tudo a sua bebé, por quem nutre um sentimento maternal fora do comum.

Entretanto, começam a aparecer pistas sobre o passado de Willow que farão com que a história ganhe contornos perturbadores. Que segredos guardará esta rapariga cujo passado esconde a todo o custo?

«Este livro irá dar a todos os que sofrem de insónias um motivo convincente para quererem ficar acordados toda a noite.»

KIRKUS REVIEWS



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8631-11-8



9 789898 831118

Thriller